

INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA

Ji-Paraná, 6 de abril de 1984

Pelas 22 horas de 9 de fevereiro do corrente ano, faleceu
repentinamente nosso irmão.



Pe. SÍLVIO MICHELUZZI

Faleceu de enfarte. Foi no pátio do Liceu Salesiano São Gonçalo de
Cuiabá, Mato Grosso.

Pertenciam à Inspetoria Salesiana São Pio X de Porto Alegre. Desde o ano de 1975 estava prestando seus serviços na Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia. Para cá viera a fim de ajudar ao seu primo D. João Batista Costa, então Prelado e depois bispo e arcebispo de Porto Velho. Hoje ele é bispo emérito, coberto da simpatia e da gratidão dos seus ex-diocesanos.

Desde sua chegada ao norte Pe. Sílvio sempre trabalhou em Rondônia, mais precisamente em Vila Rondônia, hoje Ji-Paraná, sede de diocese. Viu esta e outras cidades se formarem no meio da floresta amazônica, como resultado de uma injusta, desenfreada e desorganizada migração, fruto de uma pseudo reforma agrária que obriga o pequeno a entregar suas terras na mão dos latifundiários para aqui amansar novas terras que terão o mesmo destino das do sul. Enfrentou tempos difíceis devido à falta de estradas, presença de doenças, abusos de poder, violência armada de todo o gênero, extermínio de índios e exploração dos fracos.

A morte o colheu a meio caminho. Retornava de Santa Catarina onde tinha ido rever seus familiares. Interrompeu a longa viagem para descansar. Hospedou-se no Liceu Salesiano São Gonçalo. Sentindo forte dor de cabeça, desceu do quarto onde tinha ido descansar, para buscar socorro. Sentindo-se melhor após leve medicação, ia retornando ao quarto, quando a morte o colheu na travessia do pátio. Levado ao Pronto Socorro, nada mais foi possível fazer a não ser constatar a causa da morte.

Avisados por telefone, o bispo de Ji-Paraná e o Ecônomo Inspetorial de Manaus foram até Cuiabá. Lá foram seguidos todos os trâmites necessários para o embalsamamento e o transporte do seu corpo para Ji-Paraná. O povo da Paróquia, ciente do falecimento do seu primeiro Pastor fez questão que seu amado vigário, iniciador e construtor da Paróquia São José lá fosse sepultado.

É de justiça que neste momento faça uma referência especial, como sinal de gratidão, à Comunidade Salesiana do Liceu São Gonçalo. Tendo à frente seu diretor Pe. Ariento Domenici, testemunhou uma fraternidade edificante. Tudo fez para socorrer o Pe. Sílvio e para agilizar a solução do processo nem tão fácil de liberar o corpo para que pudesse viajar para Ji-Paraná. A eles nossa gratidão.

Nosso irmão nasceu no dia 13 de outubro de 1926. Foi em Luis Alves, Santa Catarina, terra abençoada pelas inúmeras vocações para a vida consagrada que deu e está dando à Igreja.

Na família havia tudo para Deus morar e também chamar.

Os pais, Ticiano e Úrsula Lazzaris Micheluzzi eram descendentes de imigrantes italianos. Compreenderam sua vocação cristã vivendo-a em total generosidade e santidade no matrimônio. Aceitaram 14 filhos. Sílvio foi o 8º. No lar havia alegria, trabalho, pobreza e muita fé. Manifestações desta fé simples e prática eram:

* A reza do Terço todos os dias;

* A Via Sacra em casa todas as sextas feiras da quaresma;

* A reza diária de um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória ao Pai para Dom Bosco proteger a família.

Foi num lar com estas condições de vida que Deus chamou o Sílvio, o Hilário, hoje missionário salesiano em Angola, e a Hilária, da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, hoje missionária na Nicarágua.

Para utilidade e edificação de todos nós, focalizo aqui alguns aspectos da vida do Pe. Sílvio.

O HUMANO foi sem dúvida uma das dimensões que sempre mais impressionou na sua vida.

Ao falar em humano quero acentuar a bondade, a mansidão, a simplicidade, a disponibilidade, o espírito de serviço no sorriso.

Um salesiano que trabalhou com ele afirma: "Deus não lhe dera o dom da palavra fácil e brilhante. Dotara-o, porém, de um coração de carne, humano, simples, acolhedor, disponível, serviçal, cheio de caridade apostólica: numa palavra, um coração segundo o coração de Cristo".

Era este coração de carne que fazia com que desejasse que as ruas das cidades fossem arborizadas com árvores frutíferas para que as crianças pudessem comer muitas frutas sem pagar.

Mas, quem privou de sua intimidade sabe que esta humanidade não era algo separada da dimensão de fé. Jesus Cristo era seu "caminho" nesta capacidade de ser bom. O amor de Cristo impregnou todo o seu ser e todo o seu fazer.

Outro salesiano que conviveu diversos anos com ele e que colheu o testemunho do povo afirma: "Sempre admirei no Pe. Sílvio a dedicação ao trabalho, sem olhar a quem... Tudo a todos! Sempre dentro daquela tranquilidade que lhe era peculiar, estava disposto a tudo fazer em favor dos outros sem levar em conta hora ou momento. Estava sempre pronto para servir! E servia mesmo! — Paciência... maior do que o corpo bastante avantajado... Nunca o vi impacientar-se. — Nossas viagens normais eram feitas de jeep... Sempre prudente na direção do veículo... Velocidade: bem reduzida! Dificilmente deixava alguém necessitado de carona, na estrada. Só mesmo quando o jeep não comportava mais um... O coração dele era maior do que a capacidade do veículo! Na simplicidade humilde e na humildade simples era um pai para todos!"

Era ainda a caridade evangélica que o fazia capaz de pôr a serviço dos pobres seus dons naturais. Tudo em forma de muita simplicidade. "Parece que Pe. Sílvio entendia um pouco de radioestesia... Sem pêndulo especial para este trabalho, usava quando solicitado seu molho de chaves. Procurava, ou mesmo "tentava" localizar a doença do paciente que lhe pedia o favor e que muita confiança e fé tinha na pessoa do Pe. Sílvio! E o pedinte saía satisfeito porque era atendido. E, se nem sempre o resultado era positivo, já o gentil e bondoso atendimento era uma terapêutica! Naquela simplicidade evangélica o "milagre" aparecia! Passava procurando fazer o bem... baseado na fé em Deus e confiança em Maria Santíssima. E o povo assim o respeitava e amava!"

Veio da roça e a roça o acompanhou sempre. Gostava das plantas, das flores, dar frutas. Seu sorriso se tornava imenso quando podia colher uma fruta de árvores que ele plantara e com ela presentear a alguém. Entre os paroquianos era amado também por causa desta dimensão.

Gostava de conversar com eles sobre as coisas da roça. Bastava que alguém se interessasse por plantações e Pe. Sílvio ia dando orientações botânicas... procurando livros que pudessem auxiliar naquele caso... Enfim, também nisto procurava servir, auxiliar, melhorar. Ele foi sempre assim: humilde e bom.

Quando ia trazendo seu corpo para Ji-Paraná, paramos de manhã bem cedo na pequena cidade de Ouro Preto do Oeste, próxima de Ji-Paraná. Foi na porta de um restaurante. Logo se formou um grupo de pessoas ao redor do carro mortuário e sabendo que era o Pe. Sílvio que estava sendo transportado, logo ouviu-se este testemunho de um homem de mãos calejadas: "O povo está sentindo demais esta morte. Ele era o amigo dos pequenos e dos pobres. Ele sabia parar com a gente para conversar sobre nossos assuntos: plantações, preços dos produtos agrícolas, doenças, etc.,"

Diversos salesianos que com ele conviveram poderiam contar muitos casos lépidos, verdadeiros "Fioretti", que revelam sua humanidade inseparável de sua caridade.

Faz ainda parte deste conjunto de virtudes e qualidades que fizeram do Pe. Sílvio o homem bom, a alegria que manifestava ao entreter o clero e os religiosos nas nossas reuniões. Sempre chegava o momento de alguém provocar: "Pe. Sílvio, o discurso". "Pe. Sílvio, conta uma piada"! E ele logo começava. Saudava, contava diversas anedotas, piadas. E o ambiente se descontraía, e a festa se completava. E ele se sentia feliz!

Foi também o homem pobre. Nada tinha para si. Sua roupa era sempre velha. E sua mão estava sempre aberta para ajudar os outros. Sentia as injustiças cometidas contra os doentes, os pobres e quando necessário sabia denunciar de maneira evangélica.

Não pensemos, porém, que tudo isto fossem apenas dons naturais, trazidos do berço. Além de tudo o que fazia ser impregnado da dimensão de fé, via-se nele um esforço para crescer no seguimento de Jesus Cristo. Também ele teve seus espinhos e teve pessoas que não descobriram sua bondade e que o julgavam conivente com situações de pecado. Quem conviveu com ele, bem que percebeu que para ser "ser bom" significava muito auto-domínio. Também ele manifestava por suas reações que sofria a tentação de recorrer à violência. Mas, sua fidelidade à oração e ao estudo e meditação da Palavra de Deus o ajudavam a aprofundar o conhecimento do mistério de Cristo e dele aprender a viver a mansidão do Bom Pastor.

Por tudo isto e por tantas outras qualidades que descobria nele, o povo de todas as idades, categorias sociais, crenças, o amou. Ao anúncio de sua morte a cidade chorou. Foi decretado feriado municipal. Uma das rádios da cidade, aquela que tanto o servia na paróquia, ocupou-se durante dois dias exclusivamente com programações religiosas e com a vida do Pe. Sílvio. Seu enterro foi uma consagração popular. Foi como que o acontecimento através do qual cada um dizia ao outro que amava o Pe. Sílvio. Aquele que em vida proferiu poucas palavras, mas fez muitos gestos de bondade, foi aclamado pelas multidões. "Ele exalta os humildes".

Sufraguemos o Pe. Sílvio. Mas particularmente peçamos ao Cristo Jesus, o Bom Pastor, que envie muitos salesianos e muitos padres com as dimensões humanas e espirituais do nosso querido irmão falecido. Nosso povo precisa de pessoas consagradas portadoras destas qualidades. Será para ele um caminho mais fácil para conhecer e crer em Deus que é Pai.

D. Antônio Possamai, SDB
bispo de Ji-Paraná

Pe. SÍLVIO MICHELUZZI, * 13 de outubro de 1926 em Luiz Alves-SC
† 09 de fevereiro de 1984 em Cuiabá-MT aos 58 anos de idade, 36 de profissão e
27 de sacerdócio.